



AS FISSURAS DA TECNOLOGIA ALGORÍTMICA NA EXISTÊNCIA CONTEMPORÂNEA *

The Fissures of Algorithmic Technology in Contemporary Existence

Acylene Maria Cabral Ferreira **

Resumo: Em que medida a vida cotidiana com os dispositivos tecnológicos e os modelos de IA define o modo de ser da existência contemporânea? Como racionalidade algorítmica. Apoiados nesta hipótese e no pensamento de Heidegger, nosso objetivo é desvendar os fundamentos ontológicos que, simultaneamente, descrevem o modo de ser da existência e da tecnologia algorítmica. A partir do conceito de existência enquanto possibilidade de ser, abertura e ser-em-direção-a-si, discutiremos como o caráter de neutralidade amalgama as modificações existenciais da mesmidade e do impessoal em um nexos ontológico, que estrutura a publicidade como determinação existencial necessária à concretização do mundo compartilhado. Em seguida, correlacionaremos a modificação existencial da publicidade e o caráter de ser da disponibilidade (modo de desencobrimento dos entes na tecnicidade) para apontarmos como ambos neutralizam os modos de ser da subjetividade e da objetividade. Através da correlação entre dessubjetividade e desobjetividade, mostraremos a conformação filosófica da tecnologia algorítmica e apontaremos as fissuras que esta desencadeia na existência contemporânea.

Palavras-chave: Existência. Fissura. Tecnologia Algorítmica. Disponibilidade. Neutralidade.

Abstract: How do everyday occupations with technological devices and AI models define the mode of being of contemporary existence? As algorithmic rationality.

* Artigo recebido em 02.03.2026 e aprovado para publicação em 31.03.2026

** Doutora em Filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro — UFRJ (1997); professora titular da Universidade Federal da Bahia — UFBA. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9575-0060>. E-mail: acylene@ufba.br

Based on this hypothesis, and on Heidegger's thought, our aim is to show what the ontological foundations which simultaneously describe the mode of being of contemporary existence and algorithmic technology are. From the concepts of existence as possibility of being, disclosedness, and being-towards-oneself, we will discuss how the character of neutrality gathers the existential modifications of selfhood and of "They" into an ontological nexus named "publicness," which is necessary to concretize the shared world. We will correlate the existential modifications of publicness and the character of being of availability (the unconcealment mode of entities in technicity) to indicate how both of them neutralize the subjective and objective modes of being. From the correlation between non-subjectivity and non-objectivity, we can show both the philosophical conformation of algorithmic technology and the fissures which algorithmic technology triggers in contemporary existence.

Keywords: Existence. Fissure. Algorithmic Technology. Availability. Neutrality.

Introdução

Em 2026, celebramos os 50 anos da morte de Heidegger. Porque ele se dedicou a refletir sobre princípios filosóficos que não estivessem pautados na concepção da verdade como certeza, do humano como sujeito, da coisa como objeto, do ser como essência, do tempo como eternidade, notadamente, ele é reconhecido como um pensador original, inovador, controverso e de grande relevância para o desenrolar da história da filosofia no século XX. Intuímos que a força e o vigor de sua reflexão decorrem do exercício radical que ele se propôs: pensar no limite entre o usual e o vindouro, entre o ordinário e o extraordinário. Devido a essa radicalidade, de um lado temos a adesão de quem acolhe e apropria-se de sua teoria e, de outro, o repúdio de quem rejeita e combate seus conceitos ou ações. A constância dessa tensão e o fato de o seu pensamento ultrapassar as fronteiras da filosofia, ao ser incorporado por outras áreas do conhecimento, como ciências sociais, educação, literatura, direito, ecologia, saúde, teologia, etc., demonstram tanto o ineditismo e a autenticidade quanto a extensão da receptividade e da ramificação de sua obra.

Quando vamos a um velório, escrevemos um memorial ou prestamos homenagens para celebrar a morte de alguém, costumamos meditar sobre o que é a morte. Não há dúvidas de que a morte marca o fim da vida e da existência das pessoas no mundo. Entretanto, em *Ser e tempo*, a morte é tratada não como fim, mas como antecipação, visto que o autor avalia que somente a experienciamos enquanto a morte de outra pessoa. Como? Quando recebemos a notícia de que alguém morreu, nos deparamos com a inevitabilidade da morte, nos conscientizamos de que ela é uma possibilidade intransponível e que inexoravelmente caminhamos "em direção" à nossa própria morte. Nesse direcionamento vivemos, de forma antecipada,

a latência da morte como a única possibilidade de ser que é mandatória. Por isso, em *Ser e tempo*, o *Dasein*¹ é determinado como ser-para-a-morte e, nos textos *A coisa* e *A essência da linguagem*, os humanos são conceituados como mortais e não mais como *Dasein*. Nesses escritos, o filósofo defende que a diferença entre humanos e animais reside em que os humanos são capazes de morrer, porque experimentam a morte enquanto morte, isto é, como antecipação. Ao contrário, os animais, “por não terem a morte diante ou atrás de si,” apenas perecem, findam (Cf. HEIDEGGER, 2002, p. 156). Cabe ressaltar que “antecipação” é um caráter do tempo e não do ser. Nesta perspectiva, o tempo é concebido “como horizonte e abertura de toda compreensão e interpretação de ser” (HEIDEGGER, SZ, p. 17; ST, p. 55).² Ao passo que os modos de ser do *Dasein* são temporalizados, ele se constitui como abertura para o sentido do ser e para a significância do mundo. Segundo Sallis, “a abertura é a questão originária não apenas na analítica do *Dasein* em *Ser e tempo*, mas também nos trabalhos posteriores de Heidegger” (SALLIS, 1995, p. 94-95), os quais abordam os temas da verdade originária, da técnica, do *Ereignis* [evento de apropriação], da linguagem e da quadratura.

Tendo em vista que a morte põe fim à vida, mas não interdita o resgate de aspectos da existência das pessoas mortas, já que suas realizações podem ser rememoradas e presentificadas pelos demais viventes; para assinalarmos a vivacidade do pensamento de Heidegger, 50 anos após a situação concreta de sua morte, resta-nos apurar em que medida sua produção filosófica é viável e pertinente para discutirmos os dilemas que nossa época nos impõe. Mencionaremos duas alternativas que, a nosso ver, atenderiam a esse propósito: [i] polemizarmos as questões da liberdade de ser e da verdade originária, visto que coabitamos em um período de ampla divulgação de *fake news*; [ii] debatermos o mérito do pensamento crítico em uma era em que os *chatbots*, na função de agentes computacionais, organizam nossas agendas, automatizam a gestão dos nossos e-mails, escrevem nossos textos e ocupam o lugar de amigos, médicos, jornalistas, psicólogos ou amantes. Levando em conta estas alternativas e a concepção de Heidegger da existência como “ser” do ente que nós mesmos somos, julgamos que poderemos revigorar seus escritos e continuar a estendê-los para além de seu tempo, tornando-os mais contemporâneos e, concomitantemente, sinalizando como eles são fecundos para lidarmos com os problemas filosóficos coetâneos, respondendo às seguintes perguntas: o que

¹ Com a palavra “*Dasein*” (presença, ser-aí), Heidegger delibera que a abertura é o caráter de ser dos humanos, seja ela entendida como antecipação (anteceder-se-a-si) ou como existência (possibilidade de ser). A expressão “*Da*” que compõe a palavra *Da-sein*, “refere-se a essa abertura essencial” (Cf. SZ, p. 132; ST, p. 191).

² HEIDEGGER, Martin. *Sein und Zeit*. Tübingen: Max Niemeyer, 1986; HEIDEGGER, Martin. *Ser e tempo*. Tradução de Marcia Schuback. Petrópolis: Vozes, 2006. Usaremos, respectivamente, as abreviaturas SZ e ST para nos referirmos a estas obras.

significa “existir” em uma sociedade digital? Quais são os traços essenciais que, atualmente, determinam quem somos nós? Como nos comportamos e nos relacionamos uns com os outros hoje?

Notamos que nos expressamos por meio de *chats*, nos comunicamos através de redes sociais e nos relacionamos por intermédio de aplicativos, sejam estes de encontro, entretenimento, compra, transporte, informação, atividade financeira etc. O que os *chats*, as redes sociais e os aplicativos têm em comum? Todos são instrumentalizados por algoritmos presentes em vários dispositivos tecnológicos, guiados por diversos tipos de inteligência artificial (IA). Frente a essa constatação, percebemos que seria difícil falarmos sobre a existência contemporânea sem considerarmos a tecnologia algorítmica, já que ela indubitavelmente transformou a maneira como vivemos, trabalhamos, interagimos e atribuímos sentido ao mundo em que estamos inseridos. Neste viés, ajuizamos que as perguntas acima nos encaminharam para o seguinte problema: como a nossa vida cotidiana com os dispositivos tecnológicos e os modelos de IA define o modo de ser da existência contemporânea?

Como é próprio de qualquer revolução tecnológica que, ao propagar melhoramentos e progresso para as civilizações, acarreta, paralelamente, rupturas, observamos que, enquanto a tecnologia algorítmica implementa facilidades e prosperidade à sociedade contemporânea, simultaneamente gera fissuras na existência das pessoas que as experimentam e, paulatinamente, as incorpora como se não fosse mais possível existir sem tais tecnologias. Esta observação nos instiga a alegar que, em geral, as revoluções tecnológicas produzem profundas mudanças no cotidiano das pessoas, com implicações sociais, culturais, comportamentais, cognitivas, laborais, entre outras. Posto que a busca por novas tecnologias é uma constante na história das civilizações, podemos inferir que a tecnicidade é um caráter constitutivo do ser dos humanos. Por isso, somos uma espécie dependente de tecnologias, isto é, evoluímos à medida que expandimos as descobertas tecnológicas. Embora normalmente encaremos as melhorias trazidas pelas revoluções tecnológicas como positividade e as rupturas ou fissuras que as mudanças tecnológicas infiltram na sociedade como negatividade, fugiremos desta dualidade para evitarmos reducionismos. Sob qual espectro empregaremos a palavra “fissura”?

Adotaremos o sentido de fissura na acepção de fendas, marcas ou ranhuras que podemos ver nas pedras que compõem as montanhas. Em vez de romperem as montanhas, essas fendas ou fissuras desenharam nas rochas sulcos formados por processos naturais, que indicam a história geológica da Terra. Porque as fissuras imprimem marcas constitutivas na formação das cadeias montanhosas, utilizaremos, de forma similar, a palavra “fissura” para realçarmos as ranhuras cunhadas pela tecnologia algorítmica no modo contemporâneo de existir. Assim como as fissuras

ou fendas são decisivas para a formação geológica e para a biodiversidade que elas abrigam, deduzimos que as fissuras, cavadas no tecido social pela tecnologia algorítmica, são cruciais para designarmos como se constitui a existência contemporânea. Mais especificamente, ponderamos que tais fissuras sejam um tipo de resposta da comunidade às demandas que as inovações tecnológicas suscitam. Para nós, as fissuras são como um eco que reverbera a maneira como as pessoas estão assimilando os novos procedimentos tecnológicos. A que fissuras nos referimos?

De acordo com Mustafa Suleyman e Michael Bhaskar (2024, p. 46, 54-55), “não existe nenhum ser humano não tecnológico”. Os autores destacam que a tecnologia se encontra cada vez mais integrada às diversas dimensões da vida social. Nesse contexto, chamam atenção para a necessidade de prever não apenas seus efeitos positivos, mas também suas consequências imprevistas – os chamados “efeitos de rebote” (revenge effects), que figuramos como fissuras.

Sabemos que a internet, enquanto uma revolução da tecnologia da informação que surgiu e se popularizou no século XX, reverberou positivamente na sociedade, pois, além de tornar a comunicação muito mais rápida e acessível para todos, introduziu a ideia de um mundo globalizado e sem fronteiras. De outro lado, nas primeiras décadas do século XXI, a internet possibilitou o desabrochar de mais uma revolução tecnológica, a saber, o desenvolvimento de distintos modelos de IA generativa, geridos por redes neurais, transformers, modelos amplos de linguagem, de aprendizagem de máquina ou de raciocínio, os quais atuam como robôs algorítmicos treinados para potencializar os meios de comunicação, as mídias sociais, realizar múltiplas tarefas, exponenciar algoritmos etc. Entretanto, reparamos que, quanto mais a sociedade vem internalizando a lógica de funcionamento desses robôs de IA generativa, tanto mais ela vem vivenciando efeitos rebote ou fissuras. Por que? Junto com as muitas benesses e vantagens ocasionadas na sociedade pelo uso da IA generativa, detectamos que, sub-repticiamente, elas têm provocado rupturas e fissuras, por exemplo, na convivência. De que feito?

Atentamos que as pessoas estão se fechando em grandes coletivos identitários, que têm proliferado através da propulsão de robôs algorítmicos nas mídias sociais e nos meios de comunicação. Daí, averiguamos que um dos efeitos rebote, causados pela presença maciça de robôs algorítmicos na sociedade contemporânea, é a segregação das pessoas em agrupamentos de condutas comuns. Sendo assim, atinamos que as pessoas se trancam juntamente com outras dentro de um universo de ideias, no qual só faz parte dele quem partilha as mesmas certezas, atitudes éticas, opiniões políticas, crenças etc. Devido a essa idiosincrasia, esses coletivos são apelidados de “bolhas.” Do contrário, aquelas pessoas que não compartilham do mesmo universo mimético são afastadas, repelidas e combatidas

como se fossem uma ameaça à integridade do ajuntamento identitário. Avaliamos que este comportamento sectário induz ao afastamento das pessoas e interfere nas possibilidades de convivência pacífica entre ideias diferentes. Por isso, comparamos este afastamento à fissura ou fenda e atribuímos a ele a capacidade de nivelar o comportamento da sociedade à funcionalidade dos algoritmos gestados e treinados pelos funcionários das *Big Techs* e *Startups*. É importante não perdermos o foco de que qualquer tecnologia é criada por pessoas e conglomerados empresariais que, antes de tudo, são regidos por motivações econômicas, controle, poder, hegemonia política, preconceitos e demais fatores. Desse jeito, verificamos que o afastamento e o nivelamento social, enquanto efeitos rebote ou fissuras, denotam que “a aldeia global [esperada com o advento da internet] jamais se materializou – em vez disso, [com o avanço e espraiamento dos modelos de IA generativa] acabamos em um domínio feudal, nitidamente partilhado entre as empresas de tecnologia e os serviços de inteligência” (MOROZOV, 2018, p. 15). De uma parte, este domínio feudal é perpetrado pela fidelidade dos usuários de serviços de IA generativa aos conteúdos forjados e impulsionados pela atuação dos algoritmos; e, de outra, ele é consumado pelo interesse de monetização que regula as empresas de tecnologia algorítmica. A nosso ver, o fascínio pelos ganhos monetários, somado à fidelização aos conteúdos espalhados por robôs algorítmicos, reforça o afastamento da alteridade de ideias e promove o nivelamento do comportamento das pessoas em aglomerações robotizadas. Motivo pelo qual supomos que o afastamento e o nivelamento, concretizados pela tecnologia algorítmica, criam fendas ou fissuras na sociedade contemporânea como respostas à logicidade algorítmica dos robôs de IA generativa. Diante dessa conjectura, nos indagamos: quais são os princípios filosóficos propícios para explicarmos tais fissuras e correlacionarmos existência e tecnologia?

Ao passo que estamos equiparando as fissuras abertas pela tecnologia algorítmica na trama social a efeitos rebote, por nós nomeados como afastamento e nivelamento, e que nos propusemos a reavivar concepções de Heidegger, embasaremos nossa investigação no âmbito da analítica existencial, visto que ela evidencia o nexos ontológico entre os caracteres de mesmidade, neutralidade e impessoalidade. Este nexos é relevante porque congrega afastamento e nivelamento como modificações existenciais da neutralidade vigente na mesmidade e no impessoal. Para esclarecermos a relação entre existência e tecnologia, nos pautaremos nos conceitos de existência como possibilidade de ser, abertura, ser-em-direção-a-si e de disponibilidade enquanto modo peculiar de desencobrimento do ente na tecnicidade. Logo, nosso objetivo é desvendarmos em que medida o pensamento heideggeriano nos auxilia tanto a mostrar os fundamentos ontológicos que sustentam a tecnologia algorítmica quanto a descrever a conformação da existência contemporânea. Como? Ora, se desde os primórdios da filosofia a existência humana é determinada pelo exercício

normativo das leis lógico-rationais da alma ou da consciência, vislumbramos que, na era da IA generativa, ela está marcada pela logicidade, operacionalidade e eficiência dos algoritmos. Em função disso, partimos da hipótese de que a racionalidade algorítmica retrata o modo de ser da existência contemporânea.

Dividiremos nossa reflexão em três partes: na primeira, explicitaremos por que a existência, delimitada como possibilidade de ser, abertura e ser-em-direção-a-si, apenas se concretiza com o compartilhamento da significância do mundo na convivência cotidiana. Na segunda, discutiremos como o caráter de neutralidade amálgama as modificações existenciais da mesmidade e do impessoal em um nexos ontológico designado como publicidade. Nesta fusão, a publicidade se torna o traço essencial do mundo social e compartilhado. Na terceira parte, abordaremos a correlação entre a modificação existencial da publicidade e o caráter de ser da disponibilidade, para apontarmos como, respectivamente, elas neutralizam os modos de ser da subjetividade e da objetividade. Aqui, nossa finalidade é indicar que a relação de copertença entre a dessubjetividade e a desobjetividade é crucial para delinearmos a conformação filosófica da tecnologia algorítmica e apontarmos as fissuras que esta desencadeia na existência contemporânea.

1. Existência e convivência

Segundo Tietz (2012, p. 158), “conceber a essência a partir da existência, [como fazem Heidegger e Sartre, é] uma tese [...] característica de Kierkegaard e de toda filosofia da existência.” O que as distingue é exatamente como cada uma delas elucida o termo “existência humana.” Em *Ser e tempo* “a existência [é] uma possibilidade própria [que a pessoa tem] de ser ou não ser ela mesma; [a existência é] o próprio ser com o qual ela sempre se relaciona de alguma maneira. [...] Nesse caso,] sua essência reside [...] em sempre ter de possuir o próprio ser como seu” (HEIDEGGER, SZ, p. 12; ST, p. 48). Ou seja, enquanto possibilidade de ser, a existência não é estatuída pela materialidade nem por nada de objetivo, ao contrário, ela é abertura e “pura expressão de ser” (cf. HEIDEGGER, SZ, p. 12; ST, p. 48). Já em *Os fundamentos metafísicos da lógica* “existir é precisamente ser-em-direção-a-si. [...] Nesta qualificação, existir não condiz] a nenhum modo de apreensão tal qual conhecimento e apercepção. [Antes,] ser-em-direção-a-si [...] é a pressuposição [ontológica] para as várias possibilidades de relações ônticas consigo mesmo” (HEIDEGGER, 1992, p. 189), com as outras pessoas e com os entes em geral. Por quê? Posto que a compreensão de quem sou está permeada pela significância do que são os entes e de quem são os outros. Logo, o sentido que dou ao meu próprio ser pressupõe as concepções de mundo que partilho com as pessoas que estão em meu entorno. Isto impli-

ca que o mundo circundante é um mundo compartilhado, nele “primeiro encontro os outros (assim como também encontro a mim mesma) como circunstâncias significativas do meu mundo da vida” (FERENCZ-FLATZ, 2015, p. 491). Quer dizer, enquanto existimos como ser-em-direção-a-si, nós nos apropriamos do nosso ser-si-mesmo, nos singularizamos e constituímos um mundo próprio. Enquanto existimos como abertura, compreendemos que nossa singularidade e propriedade derivam do mundo compartilhado. E enquanto existimos como possibilidade de ser neste ou naquele modo, nos damos conta de que a significância dos mundos próprio, circundante e compartilhado é pública. Desta feita, podemos intuir que a existência, demarcada como possibilidade de ser, abertura e ser-em-direção-a-si, apenas se concretiza na convivência instaurada pela publicidade da significância do mundo. Em suma, existir é ser-uns-com-os-outros na publicidade do mundo, donde podemos inferir que, para a fenomenologia hermenêutica, a existência está fincada na convivência.

Conforme Olafson (2012, p. 248), Heidegger simplesmente desatou o nó górdio ao romper com a divisão entre o transcendental e o empírico, assumindo a perspectiva de que somos entes que já se encontram no mundo, em relação com outros entes. Nesse sentido, sua contribuição consiste também na criação de uma nova linguagem filosófica capaz de expressar esse entendimento pré-filosófico .

Como Heidegger acolheu esta convicção pré-filosófica? Ele advoga que a convivência [*Miteinandersein*] é um modo de ser que determina nossa cotidianidade (cf. HEIDEGGER, SZ, p. 125; ST, p. 182). Somente dentro de um arcabouço teórico que ajuíza a existência como uma expressão de ser, podemos reputar a convivência como um modo de ser. Qual é o conceito que propicia o nexos ontológico entre existência e convivência? Vejamos. Se aceitamos que em nossa cotidianidade nos relacionamos de alguma maneira com o ser, já que estamos sempre dizendo que algo do mundo é, então, torna-se notório que existimos em-direção-ao-ser e, portanto, em-virtude-do-ser. Respaldados nesta assunção, quando lidamos com as coisas, os instrumentos ou a natureza e, significativamente, nos situamos no mundo circundante nesta ou naquela possibilidade de ser, reparamos que existimos em-virtude-de-algo. Todavia quando descobrimos que o outro é um duplo de nós mesmos (cf. HEIDEGGER, SZ, p. 124; ST, p. 181), notamos que, simultaneamente, somos em-virtude-do-outro e em-virtude-de-nós-mesmos, pois, como vimos, ser-em-direção-a-si requer ser-com-um-outro e reciprocamente. Neste viés, o filósofo sugere que a proposição “em-virtude-de,” que se desdobra nos modos originários de ser em-virtude-de-quê, em-virtude-do-outro e em-virtude-de-si, é um modelo ontológico-existencial extremo (cf. HEIDEGGER, 1992, p. 190), no qual vivemos sempre em-virtude-do-ser que nós mesmos somos. Para nós, a radicalidade desse modelo consiste em que o caráter de ser em-virtude-de reúne existência e convivência em uma relação de pertencimento mútuo

baseada em uma conotação ontológica ao invés de objetiva ou substancialista. O que a copertença entre existência, convivência e em-virtude-de-nos ensina?

Segundo Heidegger (1992, p. 189-190), a possibilidade de uma comunidade humana está enraizada na estrutura do ser-com, isto é, no fato de que a existência é sempre um existir entre e com outros entes. Nesse sentido, a convivência não é algo acrescentado posteriormente, mas pertence à constituição originária do existir, caracterizado por uma rede de relações em que o ser se compreende em função de outros (ser-uns-com-os-outros).

O que extraímos deste aprendizado? Que o caráter em-virtude-de é o nexos ontológico que congrega existência e convivência enquanto ser-si-mesmo-com-os-outros-em-virtude-do-mundo. Qual é o aspecto basilar que consolida este nexos ontológico? Como este aspecto baliza nossa cotidianidade?

2. Neutralidade, mesmidade e impessoalidade

Em *Os fundamentos metafísicos da lógica* a modificação de ser em-virtude-de-si, enquanto pressuposto para a concretização de ser-com-um-outro, é definida pelo caráter de mesmidade (*Selbstheit*).³ O traço precípua desse caráter subsiste nas modificações do ser-si-mesmo como singularidade ou como ipseidade; neste último, existimos nos modos de um ser-eu ou de um ser-tu. Melhor: na fenomenologia hermenêutica, o caráter de mesmidade é a condição de possibilidade necessária para identificarmos tanto o ser-si-mesmo como singularidade quanto como individualidade ou alteridade. À proporção que a mesmidade é condição de possibilidade, ela é tipificada pelo caráter de neutralidade. Em prol disto, a mesmidade é neutra em relação à singularidade, ao eu e ao tu factual (cf. HEIDEGGER, 1979, p. 116). Sua função se resume a mostrar como, em momentos distintos e em situações específicas da convivência, uma pessoa assume a posição de um eu, um tu, de ela ou de ele. Em quais contextos registramos o caráter de neutralidade na convivência?

Nas ocupações do que se faz com, contra ou a favor dos outros, sempre se cuida de uma diferença em relação aos outros, seja para nivelá-la, seja para ficar aquém deles e esforçar-se por alcançá-los, seja ainda para, na

³ Traduzirei a palavra "*Selbstheit*" como mesmidade por dois motivos: 1. Visto que a palavra "*Selbst*" é vertida como si-mesmo, penso que o caráter fundamental da singularidade do si-mesmo, somente poderia ser expressado como mesmidade. 2. Para manter o princípio filosófico de Heidegger, que estabelece uma diferença entre a individualidade do sujeito e a mesmidade do si-mesmo.

precedência, querer subjugar-los. A convivência, mesmo sem o perceber, é inquietada pelo cuidado de estabelecer esse intervalo. Por isso, a convivência possui o caráter de afastamento (*Abständigkeit*) (cf. HEIDEGGER, SZ, p. 126; ST, p. 183).

Em *Ser e tempo*, Heidegger nos esclarece que, quando somos indiferentes e contra alguém, ou desconfiamos e subjugamos o outro, existimos no modo deficiente do caráter de ser da solicitude ou da preocupação (*Fürsorge*),⁴ que está fundado na constituição existencial do ser-com. Como os modos deficientes de ser da solicitude sentenciam a convivência? Eles provocam o afastamento das pessoas, pois, à medida que alguém desconfia e se coloca contra outros, ou é indiferente e subjugando outros, inevitavelmente esse alguém se distancia das pessoas com as quais está convivendo. Por isso, na analítica existencial, os modos deficientes da solicitude instalam intervalos na convivência, denominados afastamento. Porque o distanciamento aberto pelo intervalo cuida de suspender a existência de outros na convivência, de certa forma, podemos proclamar que o caráter de ser do afastamento denota um modo de anulamento da existência do outro. Ao ajuizarmos que o afastamento leva à nulidade e à suspensão do outro na convivência, entendemos que o caráter de neutralidade da mesmidade, responsável pela instauração da singularidade, individualidade e alteridade, é a condição de possibilidade que sustenta o modo existencial do afastamento, no qual o outro é neutralizado e anulado na convivência. Sob nosso olhar, o caráter de neutralidade da mesmidade está intrinsecamente correlacionado ao caráter de nulidade do afastamento, enquanto este é uma modificação existencial da solicitude.

Mas quem é o outro que desaparece na nulidade do intervalo e do qual nos afastamos? Ninguém. Uma vez que o outro perde sua singularidade, individualidade e alteridade, consecutivamente, ele é anulado na convivência e revestido pelo caráter de neutralidade, tornando-se, portanto, ninguém. Em decorrência disso, o outro transparece no modo de ser do impessoal (*das Man*). Então, quem responde pelo si-mesmo no mundo compartilhado? A neutralidade do impessoal, ou seja, o caráter de medianidade, o qual designa “previamente o que se pode e deve ousar, vigia e controla toda e qualquer exceção que venha a impor-se. [...] Tudo que é originário se vê

⁴ Macquarrie and Robinson traduzem *Fürsorge* por “solicitude” e Shuback por “preocupação.” Heidegger utilizou a palavra *Sorge* (Cura, Cuidado) para nomear a totalidade do todo estrutural de ser do *Dasein* (o ente que nós mesmos somos). Para distinguir as modificações existenciais de *Sorge*, ele empregou as palavras *Besorgen* (ocupação) para referir-se ao modo como o *Dasein* lida com os entes intramundanos no mundo circundante, e *Fürsorge* para realçar o modo como o *Dasein* cuida de outro *Dasein* no mundo compartilhado. *Fürsorge* diz respeito ao existencial que rege a convivência enquanto um tipo de arrumação social. Fática e existencialmente este caráter de ser se modifica nos modos positivos (quando se cuida do bem-estar de outros) e nos modos deficientes (quando se descuida, negligencia, ignora ou maltrata outros). Usaremos a tradução de solicitude.

[...] nivelado como algo de há muito conhecido” (HEIDEGGER, SZ, p. 127; ST, p. 184). Logo, o nivelamento, enquanto uma modificação do caráter de ser da medianidade, neutraliza as diferenças tornando a convivência amorfa e impessoal. Desta feita, a medianidade anula as modificações da mesmidade, a saber, singularidade e ipseidade. Mais claramente, na analítica existencial, a neutralidade e a nulidade servem para ostentar que as modificações do intervalo, afastamento, nivelamento e medianidade compõem o modo impessoal de ser da convivência, no qual prepondera somente “o que conhecemos como público” (cf. *ibid.*, ST, p. 184).

A partir dessas afirmações inquerimos: como o caráter de neutralidade amálgama as modificações existenciais da mesmidade e do impessoal? No modo de ser da publicidade. Donde aduzimos que a publicidade corresponde ao nexó ontológico, que funde as modificações existenciais da mesmidade e do impessoal instaladas pelo caráter de neutralidade. Nesta configuração ontológica, consentimos que a publicidade resguarda a medianidade e o nivelamento enquanto traços essenciais do mundo compartilhado, no qual todos(as) são ninguém.

De acordo com essa perspectiva, na convivência cotidiana tendemos a existir em um modo de dispersão de nós mesmos, determinado pelas normas sociais que moldam até mesmo nossas maneiras de perceber as coisas. Nesse sentido, segundo Slama (2021, p. 189-192), uma das contribuições mais importantes de *Ser e Tempo* consiste na descrição da intencionalidade cotidiana como uma intencionalidade social, disseminada no contexto cultural ao qual pertencemos. Assim, as leis da compreensão ordinária das coisas são, em grande medida, leis do “impessoal”, isto é, da esfera da publicidade (*Öffentlichkeit*).

À proporção que o caráter existencial de neutralidade é subsumido no nexó ontológico da publicidade, e que esse nexó reflete o nosso modo de ser no mundo social, onde compartilhamos a medianidade das coisas, afastamos as diferenças e nivelamos todos(as) na impessoalidade, supomos que a publicidade seja um conceito ontológico apropriado para tratarmos da conformação filosófica da tecnologia algorítmica e para apontarmos as fissuras que esta desencadeia na existência contemporânea. Vejamos por quê.

3. Publicidade, disponibilidade, e tecnologia algorítmica

Qual é a consequência do nivelamento dos modos fáticos de ser-eu e de ser-tu espelhados pela publicidade no mundo social? A neutralidade do sujeito. Em consonância com esta resposta, podemos acrescentar

que a impessoalidade, modo de ser próprio da publicidade, conduz à dessubjetivação do sujeito. Ao passo que, filosoficamente, os conceitos de sujeito e objeto são interdependentes, presumimos que ao lado da dessubjetividade postulada pela publicidade, encontra-se latente uma desobjetificação do objeto. Se a modificação existencial da publicidade deflagra o aspecto de não-sujeito do impessoal, então, onde se dá a modificação ontológica do ente como não-objeto? Na disponibilidade, um modo peculiar de desencobrimento que Heidegger declara como fundamento ontológico dos entes desvelados em nossa lida cotidiana com os aparatos técnicos e os dispositivos tecnológicos. Em que consiste a peculiaridade da disponibilidade? No fato de que, nesse modo de desencobrimento, a objetividade, que desvela o ente no modo de ser objeto, é neutralizada a tal ponto que o ente se torna disponível como não-objeto. Ou seja, a peculiaridade do caráter de ser da disponibilidade baseia-se na desobjetificação do ente. Seguindo o paralelismo entre sujeito e objeto, se a disponibilidade desencobre o ente como não-objeto, indubitavelmente, acolhe o desvanecimento da subjetividade do sujeito. Sob esta ótica, fica patente que enquanto a publicidade é uma modificação existencial do impessoal, que neutraliza e dessubjetiva a ipseidade do sujeito, ela não estrutura o modo de ser do ente. De outra parte, fica evidente que enquanto a disponibilidade é um caráter de ser, que neutraliza e desobjetifica o ente como objeto, ela não estrutura o modo de ser do si-mesmo. Embora as modificações ontológicas da dessubjetividade do sujeito e da desobjetividade do objeto, respectivamente, derivem das determinações de ser da publicidade e da disponibilidade, na verdade, ocorre uma intersecção entre estas modificações ontológicas, qual seja: quando a subjetividade é neutralizada na publicidade, a objetividade é anulada; e quando a objetividade é dissimulada na disponibilidade, a subjetividade é velada. Devido a esta intersecção, depreendemos que a publicidade e a disponibilidade estão reunidas em um nexos ontológico que neutraliza a subjetividade e a objetividade. De que maneira as modificações ontológicas da dessubjetividade do sujeito e da desobjetividade do objeto subjazem à tecnologia algorítmica?

Sabemos que o processamento probabilístico dos algoritmos, que comanda os diferentes modelos de IA, computacionalmente organiza e combina milhares de dados passados e atuais disponíveis na internet para produzir desejos ou ideias em geral, com a finalidade de fidelizar as pessoas ao conteúdo que estes modelos disseminam. Entre os fins desta fidelização, enumeramos a monetização e o controle da opinião pública sobre vários assuntos. Especificamente, neste ponto, precisamos sublinhar que o propósito destes fins é salvaguardar os interesses daqueles que encomendam ou produzem modelos algorítmicos de IA e não daqueles que acessam as mídias sociais. Ao lado disso, faz-se premente frisar que os produtos ofertados pelos modelos algorítmicos de IA, sejam

eles desejos, ideias, controle ou fidelidade, não são objetos no sentido cartesiano, porquanto não são compostos por matéria nem por extensão e, por causa disso, não são visíveis, palpáveis ou divisíveis. Frente a essas elucidações, indagamos: qual é o efeito rebote que a fidelização aos produtos fabricados pelos modelos algorítmicos de IA estampa no mundo social? O nivelamento do comportamento das pessoas e, por conseguinte, o anulamento de suas identidades. Dado que os modelos algorítmicos de IA dessubjetivam a ipseidade dos sujeitos e engendram não-objetos, especulamos que o nexu ontológico entre publicidade e disponibilidade seja apropriado para explanarmos a composição filosófica da tecnologia algorítmica. Como?

Não restam dúvidas de que os dispositivos tecnológicos, como os smartphones, são objetos passíveis de serem tocados, manuseados e vistos. No entanto, quando utilizamos o smartphone para pesquisar algo, nos divertir ou contactar outras pessoas, parece que o objeto smartphone some, pois, de fato, o ente que experienciamos e que se apresenta diante de nós é exatamente aquele que está sendo disponibilizado pelos modelos algorítmicos de IA no dispositivo tecnológico. Haja vista que, quando acessamos as redes sociais no smartphone, o ente com o qual lidamos é, por exemplo, o desejo de encontrar a nossa alma gêmea, de sermos famosos, de enriquecermos facilmente ou, ainda, a ideia de influenciarmos opiniões alheias, de delegarmos atividades de trabalho aos *chatbots* etc. Isto implica que a desobjetificação do objeto smartphone desencobre as ideias ou os desejos como entes disponíveis. Por que o modo de ser destes entes é, por Heidegger, denominado disponível? Em decorrência de que estes entes se tornam fáticos e ganham realidade apenas quando são desencobertos pela desobjetividade do objeto. Obviamente, em face da ausência de objetividade, o ente não pode ser considerado como objeto. Nesta conjuntura, o ente é cunhado como disponível, simplesmente em razão de que ele só é quando está disponível. Levando-se em conta que a desobjetificação dos dispositivos tecnológicos desencobre o modo de ser disponível do ente, julgamos que a disponibilidade seja o caráter de ser que estrutura o modo de desencobrimento dos entes na tecnologia algorítmica. Assim, inferimos que a disponibilidade é o fundamento ontológico que esclarece a constituição filosófica da tecnologia algorítmica. Contudo, vimos que a disponibilidade participa de um nexu ontológico com a publicidade. Então, qual é o papel da publicidade na conformação filosófica da tecnologia algorítmica? Para adentrarmos nesta questão, primeiramente, teremos que clarear o que é um algoritmo e, em seguida, analisar como ele dessubjetiva o sujeito.

Na visão de Peter Norvig e Stuart Russell (cf. FERREIRA, 2026), os primeiros algoritmos foram descobertos por Aristóteles, quando ele delimitou o silogismo como um sistema lógico-formal de raciocínio com a prerrogativa de gerar, calculadamente, conclusões a partir de premissas

preestabelecidas. Segundo eles, foi somente na Modernidade que aconteceu o “desenvolvimento matemático [...da lógica formal, quando...] Boole e outros discutiram algoritmos para dedução lógica e, no final do século XIX, foram empreendidos esforços para formalizar o raciocínio matemático geral como dedução lógica” (NORVIG; RUSSELL, 2013, p. 31). Pedro Domingos (cf. 2017, p. 24-27) argumenta que, na contemporaneidade, os algoritmos foram otimizados para resolver problemas lógicos complexos através do uso de computadores. Ao contrário dos algoritmos lógico-formais ou de dedução lógico-matemática, que são formulados por filósofos, os algoritmos processados nos computadores são projetados e codificados matematicamente por cientistas, programadores e engenheiros da computação. Similarmente aos silogismos da lógica formal, os algoritmos criados pelas ciências de dados, calculada e mecanicamente, partem de premissas, ou seja, de prompts, previamente orientados pelos profissionais da área, para fornecer resultados eficazes e convincentes. De que jeito? Normalmente, os algoritmos são elaborados por meio de combinações de quaisquer elementos passíveis de serem substituídos por símbolos matemáticos, que os representem em uma sequência configurada para atingir um escopo específico. Enquanto um processo sequencial lógico-matemático os algoritmos demonstram relações de equivalência ou de desproporção entre os elementos representados, os quais serão agrupados ou excluídos da resposta ao prompt por intermédio de leis de probabilidade. A finalidade de tais algoritmos é atuar como um tipo de inteligência artificial, qualificada para aprender habilidades humanas e realizá-las com mais destreza do que os humanos. Para que o modelo de IA tenha sucesso na execução de sua tarefa, cientistas, programadores, engenheiros ou tecnólogos da computação transformam as habilidades humanas em linguagem matemática e constroem algoritmos aptos para reproduzi-las. Sem essa transformação, seria impossível ao computador processar os dados simbolizados no algoritmo e decodificar a sequência lógico-matemática prescrita no algoritmo. Além de estes algoritmos serem programados para exercerem atividades humanas, também são treinados para produzir outros algoritmos mais leves e funcionais, que substituirão o algoritmo anterior (cf. DOMINGOS, 2017, p. 29-33). Pois, quanto mais acertadamente um algoritmo responde a um determinado prompt, mais ele é absorvido para aperfeiçoar outros algoritmos. Por causa disso, os modelos de IA estão cada dia mais aprimorados, eficientes e inseridos em nossas atividades cotidianas, assessorando-nos como agentes autônomos ou assistentes pessoais, seja em pesquisas científicas, indústria, agropecuária, política, artes, medicina, em nossa vida afetiva e social etc. Visto que os algoritmos são o coração pulsante da operacionalidade dos modelos de IA, ousamos dizer que são o solo onde, atualmente, a tecnologia finca seus pilares. Por isso, adjetivamos a tecnologia como algorítmica. Em que medida podemos conectar os algoritmos da IA, que automatizam serviços e comportamentos humanos, à publicidade?

Nas redes sociais, os algoritmos aprendem as preferências de uma pessoa a partir dos comentários positivos e negativos que ela faz, para apresentá-lhe somente os conteúdos que a agradarão, com o intuito de induzi-la a aderir aos conteúdos ofertados. Para fidelizar alguém, os sistemas de IA são treinados para prever os conteúdos com os quais as pessoas se identificam e os que detestam. Portanto, quem decide o que será visto por uma pessoa não é ela, mas o algoritmo e, obviamente, os funcionários das empresas que criaram, programaram e treinaram tais algoritmos. Esta afirmação corrobora a ideia de que uma das metas dos sistemas de modelagem algorítmica de IA nas mídias sociais é aglutinar as pessoas em “bolhas” cada vez mais particularizadas e fechadas em certas opiniões, identidades, sentimentos de medo ou de ódio, crenças, etc.⁵ Este tipo de aglutinação induz ao seccionamento da sociedade, já que ela efetiva o afastamento das pessoas, neutraliza suas identidades, anula suas preferências e nivela seus interesses. Antes, vimos que afastamento, neutralidade, nulidade e nivelamento são modificações ontológicas que caracterizam o modo impessoal de ser da publicidade. Por que a funcionalidade dos modelos algorítmicos de IA desperta as mesmas modificações existenciais que a publicidade germina no mundo social? A nosso ver, isso acontece porque, enquanto esses modelos são projetados, produzidos e treinados pelos profissionais da computação e pelos funcionários das empresas de software, eles reverberam os modos de ser de quem os criou. Sendo assim, e em sintonia com as ilações que tecemos ao longo desta nossa reflexão, concluímos que, ontologicamente, quando os modelos algorítmicos de IA dessubjetivam o sujeito, eles são determinados pela modificação existencial da publicidade; e quando eles desvelam o ente como disponível e não como objeto, eles são estruturados pelo caráter de ser da disponibilidade. Motivo pelo qual especulamos que o nexos ontológico entre disponibilidade e publicidade fundamenta a conformação filosófica da tecnologia algorítmica.

Como a vida cotidiana com os dispositivos tecnológicos e modelos algorítmicos de IA define o modo de ser da existência contemporânea? Como uma racionalidade algorítmica. De onde extraímos esta nossa assertiva? Do fato de que a forma cognitiva de dedução lógico-racional, que majoritariamente serve de base para a fundamentação do conhecimento, das artes e dos modos de ser da sociedade, vem cedendo seu lugar às funções cognitivas lógico-algorítmicas dos modelos computacionais de IA. À proporção que,

⁵ Cf. *Entenda como funcionam os algoritmos e como eles levam os usuários a bolhas*. Folha de São Paulo, [online]. São Paulo, 12.mai.2025 às 15h37. Tecnologia: Folha informações. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/tec/2025/05/entenda-como-funcionam-os-algoritmos-e-como-eles-levam-os-usuarios-a-bolhas.shtml?pwgt=I3143iagmctamvw1msim4a2l7v4cm4hfhz342h3dc39rno83m&utm_source=mail&utm_medium=social&utm_campaign=compmailgift. Acesso em 13 mai. 2025.

na contemporaneidade, a cognitividade lógico-racional, inerente à existência humana, está se espelhando na dinâmica de cognitividade lógico-algorítmica dos modelos de IA, admitimos que a existência contemporânea esteja incorporando um tipo de cognitividade mesclada, que intitulamos racionalidade algorítmica. Visto que a dinâmica da cognitividade lógico-algorítmica está cada dia mais impregnada na maneira como as pessoas pensam, interagem social e afetivamente, elaboram conhecimento, estabelecem parâmetros morais, religiosos ou culturais, fazem arte, defendem interesses políticos ou econômicos, ponderamos que a racionalidade algorítmica é o modo de desencobrimento de ser próprio da existência contemporânea. Nesta perspectiva, a racionalidade algorítmica representa, para nós, um ponto de virada que combina a eficiência dos modelos algorítmicos de IA com a expansão do pensamento humano. Entendemos que o empoderamento da racionalidade algorítmica depende da capacidade que ela terá de proporcionar os princípios básicos de transparência, justiça, governança, liberdade, equilíbrio emocional, segurança, privacidade, identidade, inclusão e outros que sejam essenciais para impactar positivamente a vida em comunidade. Cogitamos que a racionalidade algorítmica está inaugurando uma nova era de cognitividade lógico-matemática-dedutiva, que transformará o jeito como as pessoas pensam, amam, convivem, produzem conhecimento, lidam com o meio ambiente e, em suma, existem.

Enfim, quais são as fissuras abertas pela tecnologia algorítmica na existência contemporânea? Além do comportamento de bolha, impessoalidade, neutralidade e nivelamento, podemos elencar a demanda das pessoas para que os modelos de IA pensem e criem por elas, o alastramento da manipulação de dados e de indivíduos, o derramamento de desinformação, a credulidade de que os modelos de IA generativa são imparciais e totalmente confiáveis, etc. Entre outras fissuras, podemos citar a solicitude das pessoas em situações de tragédia, a possibilidade de liberar-se das atividades repetitivas, o suporte aos avanços científicos, a melhoria dos deslocamentos e dos serviços, etc. Suspeitamos que o modo de ser da racionalidade algorítmica seja a fissura mais profunda que entalha a existência contemporânea, posto que de um lado, ela esculpe no mundo social a forma de comportamento robótico dos modelos de IA produzidos pela tecnologia algorítmica e, de outro, ela imputa à sociedade a necessidade de criar novas maneiras de conexões interpessoais e científicas capazes de manter a identidade na diversidade, promover o bem-estar da população com responsabilidade social, de aguçar o potencial de análise crítica para melhor discernimento dos vieses manipuladores, e de resguardar a autonomia das pessoas frente aos comportamentos hegemônicos reinantes nas bolhas que, em síntese, são maquinados pelas tecnologias da informação e da comunicação via modelos algorítmicos de IA.

Ora, se refletimos aqui sobre alguns problemas que, coetaneamente, nos afligem apoiados na filosofia de Heidegger, é incontestável que ela ultra-

passou o âmbito das preocupações pertinentes ao século XX e é profícua para meditarmos sobre questões relativas ao século XXI. Isso indica que seus conceitos são congruentes, consentâneos e, portanto, atemporais, pois, independentemente da época histórica em que foram concebidos, são propícios para sustentar estudos críticos diligentes para iluminar e desdobrar os desafios emergentes em épocas vindouras. Por esta razão, conjecturamos que a atemporalidade seja uma característica crucial para avalizar a robustez e a efetividade da obra de um(a) autor(a). Imbuídos por esse argumento, ratificamos que a atemporalidade consagra a expressividade, o dinamismo e a grandeza de um(a) pensador(a).

Referências

DOMINGOS, P. *O algoritmo mestre*. São Paulo: Novatec, 2017.

FERENCZ-FLATZ, Christian. The element of intersubjectivity. Heidegger's early conception of empathy. *Continental Philosophy Review*, 2015, v. 48, p. 479–496, DOI 10.1007/s11007-015-9350-4.

Entenda como funcionam os algoritmos e como eles levam os usuários a bolhas. Folha de São Paulo, [online]. São Paulo, 12.mai.2025 às 15h37. Tecnologia: Folha informações. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/tec/2025/05/entenda-como-funcionam-os-algoritmos-e-como-eles-levam-os-usuarios-a-bolhas.shtml?pwgt=l3143iagmctamvw1msim4a2l7v4cm4hfz342h3dc39rno83m&utm_source=mail&utm_medium=social&utm_campaign=compmailgift. Acesso em 13 mai. 2025.

FERREIRA, Acylene. A subjetividade algorítmica como ápice da metafísica. In: BAUCHWITZ, Oscar; MOREIRA, Gilvanio; RÍOS, José (Orgs.) *A Metafísica em tempos extremos*. Natal: Editora Caule de Papiro, 2026, p. 237-250.

HEIDEGGER, Martin. *Ensaio e conferências*. Tradução de Márcia Schuback. Petrópolis: Vozes, 2002.

HEIDEGGER, Martin. *Sein und Zeit*. Tübingen: Max Niemeyer, 1986.

HEIDEGGER, Martin. *Ser e tempo*. Tradução de Marcia Schuback. Petrópolis: Vozes, 2006.

HEIDEGGER, Martin. *The Metaphysical Foundations of Logic*. Tradução de Michael Heim. Indiana: Indiana University Press, 1992.

HEIDEGGER, Martin. *Sobre a essência do fundamento*. Tradução de Ernildo Stein. In: *Heidegger: conferências e escritos filosóficos*. São Paulo: Abril Cultural, 1979. (Os Pensadores).

MOROZOV, Evgeny. *Big Tech: a ascensão dos dados e a morte da política*. Tradução de Cláudio Marcondes. São Paulo: Editora Ubu, 2018.

NORVIG, Peter; RUSSELL, Stuart. *Inteligência artificial*. Tradução da terceira edição de Regina C. S. de Macedo. Rio de Janeiro: Elsevier Editora Ltda, 2013.

OLAFSON, Frederick A. Liberdade e responsabilidade. *In*: DREYFUS, Hubert L.; WRATHALL, Mark A. (Orgs). Tradução de Cecília Bartalotti e Luciana Pudenzi. *Fenomenologia e existencialismo*. São Paulo: Loyola, 2012.

SALLIS, John. *Delimitations: phenomenology and the end of metaphysics*. Bloomington/Indianapolis: Indiana University Press, 1995.

SLAMA, P. Heidegger et l'intentionnalité pratique. *In*: *Phénoménologie transcendante: figures du transcendantal de Kant à Heidegger*. Springer, 2021, p. 187-253. (*Phaenomenologica* 232). https://doi.org/10.1007/978-3-030-77105-8_7.

SULEYMAN, Mustafa; BHASKAR, Michael. *A próxima onda*. Tradução de Alessandra Bonrruquer. Rio de Janeiro, São Paulo: Editora Record, 2024.

TIETZ, Udo. A filosofia da existência alemã. *In*: DREYFUS, Hubert L.; WRATHALL, Mark A. (Orgs). Tradução de Cecília Bartalotti e Luciana Pudenzi. *Fenomenologia e existencialismo*. São Paulo: Loyola, 2012.

Acylene Maria Cabral Ferreira: Doutora em Filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro — UFRJ (1997); professora titular da Universidade Federal da Bahia — UFBA.

Endereço: Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.
Estrada de São Lázaro, 197 – Bairro Federação
CEP: 40210730 — Salvador, BA